

# *EUA acham correta estratégia do País*

**A. M. PIMENTA NEVES**  
Nosso correspondente

WASHINGTON — O relatório anual do Conselho de Assessores Econômicos da Presidência, enviado ontem por Ronald Reagan ao Congresso, afirma que os recentes progressos realizados pelo México, Brasil e outros devedores-chave "confirmam que suas estratégias para o ajustamento econômico e pagamento da dívida são basicamente corretas", mas que sua sorte poderia melhorar se, entre outras coisas, criassem melhor clima para os investimentos estrangeiros.

O relatório de 356 páginas afirma que o Brasil e o México se sobressaíram no esforço de reduzir seus défi-

cits de conta corrente. O déficit do Brasil declinou mais de 8,5 bilhões de dólares em 1983 e estima-se que tenha caído outros seis bilhões em 1984, para ficar em cerca de 500 milhões de dólares apenas, observa o trabalho. No caso do México, afirma, os ganhos foram ainda mais dramáticos — uma melhora total de 19 bilhões de dólares entre 1981 e 1983. "A conta corrente mexicana foi superavitária em cerca de cinco bilhões de dólares em 1983 e seu superávit é estimado em um pouco menos do que isso em 1984", diz, na seção dedicada aos devedores.

O relatório afirma que quase todos os grandes devedores aumentaram suas exportações em 1984 e que muitos também apresentaram sólido

crescimento econômico no ano. "Isso foi importante para manter o consenso político necessário à sustentação do ajustamento econômico", observa.

O aumento das exportações desses países é atribuído em grande parte à expansão da procura nas nações industrializadas, especialmente nos Estados Unidos. "Como líder da recuperação global, os Estados Unidos, com seus mercados comparativamente abertos, desempenharam um papel desproporcional na absorção da produção dos países devedores", salienta. Os Estados Unidos compram cerca de 45% das exportações dos 17 maiores devedores aos países industrializados.

O relatório nota que, embora os

bancos tenham reduzido seus empréstimos aos devedores em 1983 e 1984, seus empréstimos e os das organizações internacionais foram adequados para as necessidades de ajustamento desses países. Assim, a razão da dívida sobre as exportações deixou de elevar-se na maioria deles. O trabalho diz também que passos positivos foram tomados para reestruturar a dívida pendente. O exemplo mais notável disso é o acordo alcançado pelo México com os bancos em setembro de 1984.

Mas o Conselho de Assessores Econômicos do presidente acha que os problemas da dívida ainda não foram resolvidos. "Embora alguns desses países tenham melhorado substancialmente suas posições de

conta corrente, a maioria dos grandes devedores ainda apresenta déficits, o que indica que seu endividamento líquido com o resto do mundo continua aumentando", afirma.

Para ajudar tais países a superarem seus problemas, o relatório afirma que não basta que as economias industrializadas cresçam e que as políticas internas dos devedores sejam corretas. Diz que os mercados dos industrializados têm de continuar abertos não apenas para as exportações tradicionais dos países em desenvolvimento, mas também das exportações mais sofisticadas, resultantes da evolução de sua vantagem comparativa.

Nos últimos anos, afirma, proteção crescente tem sido dada a esta

última classe de produtos, particularmente contra a concorrência dos chamados "países recentemente industrializados", entre os quais se inclui o Brasil. "Os custos de tal proteção incluem não apenas erros na alocação dos recursos, mas também prejuízo das perspectivas de pagamento bem-sucedido da dívida", diz o relatório.

Além disso, o trabalho observa que tanto a produção como as perspectivas para o pagamento da dívida seriam beneficiados pela expansão dos investimentos estrangeiros diretos e indiretos nos países devedores. Esses fluxos poderiam aumentar "se os países hospedeiros oferecessem um melhor clima para os investimentos".